



O Convite

VI KEELAND

Um casamento luxuoso. Um padrinho irresistível.
Uma convidada misteriosa. Qual será o fim
desse conto de fadas moderno?



TRECHO INTEGRADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

O *Convite*

VI KEELAND

Um casamento luxuoso. Um padrinho irresistível.
Uma convidada misteriosa. Qual será o fim
desse conto de fadas moderno?

Tradução
Débora Isidoro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Vi Keeland, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright de tradução © Débora Isidoro

Todos os direitos reservados.

Título original: *The invitation: Something Borrowed, Something You*

Preparação: Thais Rimkus

Revisão: Mariana Rimoli e Laura Folgueira

Diagramação: Futura

Capa: adaptada do projeto gráfico original

Fotografia de capa: Tamer Yilmaz (modelo: Nick Bateman)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Keeland, Vi

O convite / Vi Keeland; tradução de Débora Isidoro. – São Paulo: Planeta, 2021.
288 p.

ISBN 978-65-5535-554-3

Título original: *The Invitation: Something Borrowed, Something You*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

21-4618

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



Stella

— Não consigo... — Parei no meio da escada de mármore.

Fisher parou alguns degraus à frente, depois desceu até onde eu estava.

— É claro que consegue. Lembra quando a gente estava no sexto ano e você teve que fazer aquela apresentação sobre seu presidente favorito? Você estava surtando. Achou que esqueceria tudo que tinha decorado e ia ficar lá parada com todo mundo olhando para você.

— Sei, e daí?

— Bom, agora não é diferente. E você sobreviveu àquilo, não foi? Fisher estava doido.

— *Todos os meus medos viraram realidade naquele dia. Parei na frente da lousa e comecei a suar. Não lembrava uma palavra do que havia preparado. A classe inteira ficou olhando para mim, e você me esculachou.*

Fisher concordou balançando a cabeça.

— Exatamente. Seu pior medo se confirmou, mas você sobreviveu. Na verdade, aquele dia acabou se tornando o melhor dia de sua vida.

Balancei a cabeça, perplexa.

— Como assim?

— Foi a primeira vez que estudamos na mesma sala. Pensei que você não passasse de mais uma garota irritante, como todas as outras. Mas, depois da aula, naquele dia, você me detonou por eu ter debochado do seu esforço na apresentação. Aquilo me fez perceber que você *não era* como as outras. E naquele dia eu decidi que seríamos melhores amigos.

Balancei a cabeça.

— Eu não falei com você durante o resto do ano letivo.

Fisher deu de ombros.

— É, mas eu consegui me aproximar no ano seguinte, não foi? E agora você já está mais calma do que estava dois minutos atrás, não é? Suspirei.

— Acho que sim.

Ele ofereceu o braço coberto pelo smoking.

— Vamos entrar?

Engoli em seco. Por mais apavorada que eu estivesse com o que íamos fazer, também estava ansiosa para ver o interior da biblioteca todo enfeitado para um casamento. Tinha passado horas incontáveis sentada naqueles degraus, pensando nas pessoas que passavam por ali.

Fisher esperava paciente, na mesma posição, enquanto eu refletia por mais um minuto. Finalmente, após mais um suspiro intenso, dei-lhe o braço.

— Se a gente parar na cadeia, você vai ter que arrumar o dinheiro da fiança para nós dois. Eu estou falida.

Ele exibiu um sorriso de astro do cinema.

— Combinado.

Enquanto subíamos o restante da escada até a porta da Biblioteca Pública de Nova York, eu revia todos os detalhes discutidos no Uber a caminho dali. Nossos nomes para aquela noite eram Evelyn Whitley e Maximilian Reynard. Max era do ramo imobiliário – a família dele era dona da Reynard Properties –, e eu tinha concluído o MBA na Wharton e voltado à cidade recentemente. Nós dois morávamos no Upper East Side... Pelo menos essa parte era verdade.

Dois garçons uniformizados e de luvas brancas estavam ao lado da imensa porta de entrada. Um deles segurava uma bandeja com taças de champanhe, e o outro, uma prancheta. Minhas pernas continuavam em movimento, mas o coração queria fugir do peito e correr em sentido contrário.

— Boa noite. — O garçom com a prancheta acenou com a cabeça. — Nomes, por favor?

Fisher nem piscou ao recitar a primeira mentira de uma noite repleta delas.

O homem, que usava um fone de ouvido, consultou a lista e assentiu. Estendeu a mão nos convidando a entrar, e seu parceiro entregou uma taça para cada um de nós.

— Bem-vindos. A cerimônia vai acontecer na rotunda. Os convidados da noiva ficam à esquerda.

— Obrigado — disse Fisher. Assim que nos afastamos, ele se inclinou para mim. — Viu? Foi moleza. — E bebeu um pouco de champanhe. — Ahhh, isso é bom.

Eu não entendia como ele estava tão calmo. Ao mesmo tempo, não sabia como ele me convencera a encarar aquela insanidade. Dois meses antes, voltei para casa do trabalho e encontrei Fisher, que por acaso é meu vizinho, vasculhando minha geladeira em busca de comida – uma ocorrência comum. Enquanto ele comia um frango à milanesa de dois dias antes, eu me sentei à mesa da cozinha e dei uma olhada na correspondência enquanto tomava uma taça de vinho. Estávamos conversando quando abri um envelope grande sem olhar o endereço na frente. Dentro havia o mais impressionante convite de casamento: preto e branco com relevo dourado. Era como uma obra de arte. E o casamento aconteceria na Biblioteca Pública de Nova York, bem perto de meu antigo escritório e em cuja escada icônica eu com frequência me sentava para almoçar. Eu não visitava a biblioteca havia pelo menos um ano, por isso fiquei muito animada com a ideia de ir a um casamento lá.

Só não fazia a menor ideia de quem eram os noivos – algum parente distante de quem havia me esquecido, talvez? Os nomes não eram nem vagamente familiares. Quando virei o envelope, logo entendi por quê. Eu tinha aberto a correspondência da pessoa que antes morava ali comigo. *Ai*. Fazia todo sentido. Não era eu a convidada para o casamento de conto de fadas em um de meus lugares preferidos no mundo.

Depois de duas taças de vinho, porém, Fisher me convenceu de que era *eu* quem deveria ir, não Evelyn. Era o mínimo que a caloteira que antes dividia o apartamento comigo podia fazer por mim, ele disse. Afinal, ela saiu escondida no meio da noite, levando alguns de meus sapatos favoritos, e o cheque que ela deixou para pagar os dois meses de aluguel atrasado tinha voltado. No mínimo, eu tinha o direito de ir a um casamento chique de mil dólares por cabeça, não ela. Deus sabia que nenhum amigo meu jamais se casaria em um lugar como aquele. Quando esvaziamos a segunda garrafa de merlot, Fisher decidiu que iríamos no lugar de Evelyn: entraríamos de penetas no casamento e teríamos uma noite divertida, cortesia da pilantra que um dia dividiu o

apartamento comigo. Fisher tinha até preenchido o cartão de resposta, confirmando a presença dos dois convidados e o guardado no bolso para mandar pelo correio no dia seguinte.

Honestamente, esqueci por completo nossos planos de bêbado até duas semanas atrás, quando Fisher apareceu com um smoking que tinha pegado emprestado com um amigo para ir ao casamento. Eu disse a ele que não iria a um evento chique de pessoas que nem conhecia, e ele fez o que sempre fazia: me convenceu de que sua má ideia não era tão ruim assim.

Até aquele momento. Eu estava parada no meio do saguão gigantesco para um casamento que devia ter custado uns duzentos mil dólares e tinha a sensação de que ia literalmente fazer xixi na calça.

— Toma o champanhe — disse Fisher. — Vai ajudar a relaxar um pouco e deixar você mais corada. Está com cara de quem vai contar para a classe por que gosta tanto de John Quincy Adams.

Olhei para Fisher de cara feia, mas ele sorriu, inabalável. Eu tinha certeza de que nada me ajudaria a relaxar. Mesmo assim, bebi tudo que havia na taça.

Fisher pôs a mão no bolso da calça e, casualmente, olhou em volta de cabeça erguida, como se não tivesse nenhum receio.

— Não vejo minha *velha amiga festeira Stella* há muito tempo — disse. — Será que ela vem?

Entreguei-lhe minha taça vazia.

— Cala a boca e pega mais uma, antes que eu saia correndo.

Ele riu.

— É claro, *Evelyn*. Não saia daqui e tente não destruir nosso disfarce antes de conseguirmos ver a linda noiva.

— Linda? Você nem sabe como ela é.

— Todas as noivas são lindas. Por isso algumas usam véu... para ninguém ver que são feias, e tudo continuar mágico no dia especial.

— Que romântico.

Fisher piscou.

— Nem todo mundo é bonito como eu.

Três taças de champanhe me ajudaram a me acalmar o suficiente para me manter sentada durante a cerimônia. E a noiva nem precisava de véu, definitivamente. Olivia Rothschild – ou Olivia Royce, como passaria a se chamar – era linda. Fiquei um pouco emocionada quando

o noivo disse seus votos. Pena que o feliz casal não fosse de fato de amigos, porque um dos padrinhos era uma coisa de louco, muito atraente. Eu poderia fantasiar que Livi – era assim que eu a chamava em minha cabeça – me apresentaria ao amigo de seu novo marido. Mas a noite era uma farsa, e eu não era nenhuma Cinderela.

O coquetel aconteceu em uma sala bonita que eu nunca havia visto. Estudei a obra de arte no teto enquanto esperava minha bebida. Fisher tinha dito que precisava ir ao banheiro, mas eu desconfiava de que ele estava conversando com o garçom bonitão que olhava para ele desde que chegáramos.

— Pronto, moça. — O *bartender* empurrou um copo em minha direção.

— Obrigada. — Olhei em volta para ver se alguém estava prestando atenção, antes de enfiar o nariz no copo e dar uma boa cheirada. *Definitivamente, não era o que eu havia pedido.*

— Hum, desculpa. Será que você preparou com gim Beefeater, não Hendrick's?

O *bartender* franziu a testa.

— Duvido.

Cheirei outra vez, agora certa de que ele havia errado no preparo. Uma voz masculina à esquerda me pegou desprevenida:

— Você nem experimentou, mas acha que ele usou o gim errado? Sorri, educadamente.

— Beefeater é feito com zimbro, casca de laranja, amêndoa amarga e uma mistura de chás, o que proporciona um sabor de alcaçuz. Hendrick's é feito de zimbro, rosa e pepino. Cada um tem um aroma próprio.

— Vai beber puro ou com gelo?

— Nenhum dos dois. É um martíni, leva vermute.

— E você acha que pode determinar pelo cheiro que ele usou o gim errado, mesmo sem provar? — O tom de voz deixava claro que ele duvidava dessa minha capacidade.

— Meu olfato é muito bom.

O homem olhou por cima de meu ombro.

— Hudson, eu aposto cem paus como ela não consegue diferenciar dois gins se pusermos um ao lado do outro.

Uma segunda voz masculina respondeu à direita, um pouco atrás de mim. O som era profundo, mas aveludado e suave – mais ou menos como o gim que o *bartender* devia ter usado no drinque.

— Sobe para duzentos, e eu topo.

Virei para olhar quem acreditava tanto em minhas habilidades e percebi que arregalei os olhos.

Uau. O padrinho bonitão. Eu tinha olhado para ele durante boa parte do casamento. Ele era bonito de longe, mas de perto era de tirar o fôlego, de dar frio na barriga – cabelo escuro, pele bronzeada, queixo esculpido e lábios cheios, deliciosos. O jeito como o cabelo estava penteado – alisado para trás e dividido de lado – me fazia pensar em um astro do cinema antigo. O que eu não tinha conseguido ver da última fileira na plateia da cerimônia era a intensidade dos olhos azuis. E eles agora liam meu rosto como se eu fosse um livro.

Limpei a garganta.

— Vai apostar duzentos dólares em minha capacidade de identificar gim?

O bonitão inclinou o corpo para a frente, e meu olfato ficou ainda mais alerta. *Opa, esse cheiro é melhor que o de qualquer gim.* Não sabia se era a colônia ou algum tipo de sabonete, mas tive que fazer um esforço enorme para não chegar mais perto dele e dar uma boa fungada. Além de ser tremendamente sexy, o homem tinha um cheiro tão bom quanto sua aparência. Essa dupla era minha criptonita.

Havia uma nota de humor na voz dele.

— Está me dizendo que é uma aposta ruim?

Balancei a cabeça e virei para falar com o amigo dele:

— Eu topo participar da brincadeira, mas também quero apostar duzentos.

Quando me virei outra vez para o bonitão à direita, um canto de sua boca se movia ligeiramente.

— Legal. — Ele levantou o queixo e olhou para o amigo. — Diz para o *bartender* servir uma dose de Beefeater e uma de Hendrick's, colocar as duas na frente dela e não contar para nenhum de nós qual é qual.

Um minuto depois, peguei o primeiro copo e cheirei. Honestamente, eu nem precisava cheirar o outro, mas cheirei mesmo assim, só por precaução. *Droga...* devia ter apostado mais. Era muito fácil, como tirar doce de uma criança. Empurrei um copo para a frente e falei para o *bartender*:

— Este é o Hendrick's.

Ele pareceu impressionado.

— Acertou.

— Droga — bufou o cara que começara o jogo. Ele pôs a mão no bolso da frente, tirou um belo maço de notas e puxou quatro de cem dólares. Jogou o dinheiro no balcão e balançou a cabeça. — Vou recuperar tudo até segunda-feira.

O Bonitão sorriu para mim e pegou o dinheiro dele. Depois que peguei o meu, ele se inclinou e cochichou em meu ouvido:

— Bom trabalho.

Caramba. Seu hálito quente provocou um arrepio em minhas costas. Fazia muito tempo que eu não tinha contato com um homem. Infelizmente, meus joelhos ficaram meio fracos. Mas me obriguei a ignorar a reação.

— Obrigada.

Ele esticou o braço além do meu corpo e pegou um dos copos sobre o balcão. Aproximou a dose do nariz, cheirou, devolveu o copo ao balcão e repetiu o procedimento com a outra dose.

— Não sinto nada diferente.

— Isso significa que você tem um olfato normal, só isso.

— Entendi. E o seu é... extraordinário?

Sorri.

— Bom... É, sim.

Ele pareceu achar engraçado, então me deu um copo, pegou o outro e o levantou em um brinde.

— A ser extraordinária — disse.

Normalmente, eu não era muito de *shots*, mas e daí? Bati o copo no dele antes de virar de uma vez. Talvez o álcool me ajudasse a acalmar o nervosismo que esse homem parecia provocar.

Deixei o copo vazio em cima do balcão, ao lado do dele.

— Imagino que façam isso regularmente, já que seu amigo pretende recuperar o dinheiro até segunda-feira...

— A família de Jack e a minha são amigas desde que éramos crianças. Mas esse negócio de apostar começou quando fomos para a mesma faculdade. Torço para a Notre-Dame, ele, para a USC. Nenhum dos dois tinha dinheiro naquela época, então apostávamos um choque de Taser por jogo.

— Um choque de Taser?

— O pai dele era da polícia. Jack tinha um Taser embaixo do banco do carro, o pai tinha dado para ele, por precaução. Mas acho que ele nunca imaginou que o filho ia levar choques de cinquenta mil volts quando o time dele perdesse por causa de uma interceptação no último minuto.

Balancei a cabeça.

— Que coisa doida.

— Com certeza, não foi nossa decisão mais sábia. Pelo menos eu ganhava muito mais que ele. Acho que uma lesão cerebral pode ajudar a explicar as escolhas ruins que ele fez na faculdade.

Dei risada.

— E hoje foi só uma continuação desse padrão, então?

— Mais ou menos isso. — Ele sorriu e estendeu a mão. — Eu me chamo Hudson.

— Muito prazer. St... — Parei a tempo. — Evelyn.

— É apaixonada por gim, Evelyn? Por isso não senti nenhuma diferença no cheiro de um e de outro?

Sorri.

— Eu não diria que sou apaixonada por gim, não. Na verdade, o que mais bebo é vinho. Mas já mencionei o que faço? Sou... perfumista.

— Você faz perfumes?

Confirmei balançando a cabeça.

— Entre outras coisas. Desenvolvi aromas para uma empresa de cosméticos e fragrâncias durante seis anos. Às vezes era um perfume novo, outras vezes era o cheiro de um lenço umedecido para remoção de maquiagem ou um cosmético que precisava de uma fragrância mais agradável.

— Nunca conheci uma perfumista.

Sorri.

— É tão excitante quanto esperava?

Ele riu.

— Para um trabalho como esse, o que é preciso estudar?

— Bom, sou formada em Química. Mas você pode ter todos os cursos que quiser e nem assim vai conseguir fazer o trabalho se não tiver hiperosmia.

— O que é isso?

— Olfato exacerbado.

— Então, você é boa de faro?

Dei risada.

— Exatamente.

Muita gente acha que tem olfato bom, mas não entende quanto esse sentido é aguçado para quem tem hiperosmia. Demonstrar sempre funciona melhor. Além do mais, eu realmente queria saber que colônia ele estava usando. Então, eu me inclinei e dei uma boa conferida em Hudson.

Depois, disse:

— Sabonete Dove.

Ele não parecia muito convencido.

— Sim, mas não é um sabonete incomum.

Sorri.

— Não me deixou terminar. Dove Hidratação Fresca. Tem pepino e chá verde, que também é um ingrediente comum em gins, aliás. E você usa xampu L'Oreal Elvive, como eu. Sinto cheiro de extrato de gardênia-do-taiti, extrato de rosa-mosqueta e um leve toque de óleo de coco. Ah, e seu desodorante é Irish Spring. Acho que você não está usando nenhuma colônia.

Hudson arqueou as sobrancelhas.

— Agora, sim, me impressionou. Nós, padrinhos, passamos a noite em um hotel, e esqueci de pôr a colônia na mala.

— Qual você costuma usar?

— Ah, não posso contar... O que vamos fazer para nos divertir num segundo encontro se não brincarmos de reconhecer cheiros?

— Segundo encontro? Não sabia que teríamos um primeiro.

Hudson sorriu e estendeu a mão.

— A noite é uma criança, Evelyn. Vamos dançar?

Um nó no estômago me avisou que não era uma boa ideia. Fisher e eu devíamos ficar juntos e limitar o contato com outras pessoas para minimizar os riscos de sermos desmascarados. Mas olhei em volta e não vi meu acompanhante em lugar nenhum. Além do mais, aquele homem era magnético. De algum jeito, antes mesmo de minha cabeça oscilar entre sim e não, me vi segurando a mão dele. Ele me levou para a pista de dança e passou um braço em torno de

minha cintura, me conduzindo. Não me surpreendeu o fato de ele saber dançar.

— Então, Evelyn do olfato extraordinário, nunca vi você antes. É convidada ou acompanhante? — Ele olhou em volta. — Tem algum cara me fuzilando com o olhar neste momento? Vou ter de buscar o Taser do Jack no carro para me defender de um namorado ciumento?

Dei risada.

— Vim com um amigo, só isso.

— Coitado...

Sorri. Hudson sabia flertar, mas eu conseguia acompanhar o jogo, de algum jeito.

— Fisher está mais interessado no cara que serve champanhe.

Hudson me puxou para um pouco mais perto.

— Agora gosto do seu amigo muito mais que trinta segundos atrás.

Senti um arrepio quando ele baixou a cabeça e roçou o nariz em meu pescoço.

— Você tem um cheiro incrível. Está usando um dos perfumes que faz?

— Estou. Mas este não está à venda. Gosto de ter um cheiro realmente personalizado que faça alguém se lembrar de mim.

— Acho que não precisa do perfume para isso.

Ele me conduzia pela pista de dança com tanta elegância que pensei na possibilidade de ele fazer aulas com algum profissional. Muitos homens da idade dele acreditavam que dançar uma música lenta significava balançar para a frente e para trás e se roçar em você.

— Você dança bem — comentei.

Hudson respondeu com um giro.

— Minha mãe foi profissional de dança de salão. Tive que aprender para ganhar comida.

Dei risada.

— Que legal. Nunca pensou em seguir os passos dela?

— De jeito nenhum. Cresci vendo o sofrimento dela com bursite, lesões por estresse, ligamentos rompidos... não é uma profissão glamorosa como fazem parecer nesses campeonatos de dança na televisão. Em um trabalho como esse, amar a profissão é indispensável.

— Acho que amar o que faz é indispensável em qualquer trabalho.

— É, tem razão.

A música terminou, e o mestre de cerimônias pediu que todos retornassem a seus assentos.

— Onde está sentada? — perguntou Hudson.

Apontei para o lado em que Fisher e eu tínhamos sido acomodados.

— Por ali. Mesa dezesseis.

Ele assentiu.

— Eu a acompanho.

Chegamos à mesa no mesmo instante que Fisher, vindo do outro lado. Ele olhou para Hudson e para mim, e seu rosto formulou a pergunta que ele não fez em voz alta.

— Hum... Esse é meu amigo Fisher. Fisher, esse é Hudson.

Hudson estendeu a mão.

— Muito prazer.

Depois de cumprimentar o silencioso Fisher, que parecia ter esquecido como falar, ele olhou para mim e segurou minha mão de novo.

— Preciso voltar à mesa e me juntar aos padrinhos.

— Ok.

— Dançamos de novo mais tarde?

Sorri.

— Será um prazer.

Hudson se afastou, mas, virando-se de frente para mim, enquanto andava de costas, disse:

— Caso banque a Cinderela comigo e suma, qual é seu sobrenome, Evelyn?

Felizmente, ouvir meu nome falso me fez lembrar que eu não devia dar meu sobrenome verdadeiro, como quase havia feito na primeira vez.

— Whitley.

— Whitley?

Ai, meu Deus. Ele conhecia a Evelyn?

Seus olhos estudaram meu rosto.

— Belo nome. Até mais tarde.

— Ah... É claro, até.

Hudson mal tinha se afastado da mesa quando Fisher se inclinou para mim.

— Meu nome devia ser Maximilian, benzinho.
— Ai, meu Deus, Fisher. A gente precisa ir embora.
— Não. — Ele deu de ombros. — Sem problemas. Inventamos o Maximilian, lembra? Eu sou seu acompanhante. Ninguém sabe o nome da pessoa que Evelyn trouxe. Mas ainda quero bancar o magnata do ramo imobiliário.
— Não, não é isso.
— O que é, então?
— Temos que ir embora porque ele já sabe...



Stella

Fisher tomou um gole de cerveja.

— Você está paranoica. O cara nem imagina. Vi a cara dele quando você disse o sobrenome da Evelyn, e a única coisa que ele notou foi como você é bonita.

Balancei a cabeça.

— Não. Ele fez uma cara estranha. Eu vi.

— Quanto tempo passou conversando com ele?

— Não sei. Quinze minutos, talvez? Ele me convidou para dançar depois que a gente se conheceu no bar.

— Ele é do tipo que fica com vergonha de perguntar se tiver alguma dúvida?

Pensei um pouco. Ele não parecia ser assim. Hudson não fazia o gênero tímido.

— Não, mas...

Fisher apoiou as mãos sobre meus ombros.

— Respira fundo.

— Fisher, é melhor a gente ir embora.